

7 Poemas de Derek Mahon

Rui Carvalho Homem (tradução)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Citation: Rui Carvalho Homem (trad.). “7 Poemas de Derek Mahon.” *Via Panorâmica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 9, n.º 1, 2020, pp. 89-96. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>.

Derek Mahon (1941-2020)

Autor de uma obra que se estendeu por mais de meio século, este poeta irlandês, cujas origens pessoais e de referência imaginativa se situam em Belfast (na Irlanda do Norte), integrou uma geração poética que incluiu Michael Longley (1939-) e Seamus Heaney (1939-2013). Não obtendo embora os índices de reconhecimento global que marcaram a carreira deste último, Derek Mahon construiu uma obra de grande especificidade nos modos de enunciação, no universo de referência e na gama de questões existenciais, éticas e políticas que convoca. Para além das treze grandes coletâneas que publicou (hoje disponíveis num volume com a obra poética completa, da responsabilidade da editora irlandesa Gallery Press), notabilizou-se também como tradutor - quer de poetas franceses, quer de dramaturgos clássicos. As traduções aqui apresentadas foram originalmente realizadas no contexto de uma visita de Derek Mahon a Portugal, em 2007. A autorização para a sua publicação foi gentilmente concedida pelo poeta poucos meses antes da sua morte, em outubro de 2020. A inclusão destes poemas na *Via Panorâmica*, poucos dias após a sua morte, assume assim a característica de um gesto de reconhecimento e homenagem.

© Translations of Derek Mahon’s poems, from *New Collected Poems* (2011), appear by kind permission of the author and The Gallery Press, www.gallerypress.com.

1.

A Festa da Neve

para Louis Asekoff

Bashô, ao chegar

À cidade de Nagóia,

É convidado para uma festa da neve.

Escuta-se o tinido da porcelana

E do chá na porcelana;
Escutam-se saudações.

E depois todos
Convergem para a janela
Para ver a neve a cair.

A neve cai sobre Nagóia
E mais a sul
Sobre as telhas de Quioto.

Para leste, adiante de Irago,
Vai caindo
Como folhas sobre o mar gélido.

Há lugares onde queimam
Bruxas e hereges
Nas praças ardentes,

Milhares morreram desde a aurora
Ao serviço
De bárbaros monarcas;

Mas reina o silêncio
Nas casas de Nagóia
E nas colinas de Ise.

2.

Ciganos

Observei a polícia, obscura,
a abanar as vossas rulotes
para quebrar a louça
e as irónicas ideias de paz
que guardais em descampados

áridos à beira das estradas
onde a neve persiste
(deu tudo na televisão)
e fico com vergonha; alimentado,
vestido, com casa e envergonhado.
Poderá interessar-vos
saber, porém, que em noites
de temporal as nossas fortes
janelas duplas gemem com
pressentimentos de morte,
o frigorífico gravemente ferido,
e não causará surpresa
se a sorte que há muito
sofreis for também a nossa.
Os carros vão-se empilhando.
Escuto o vento
e arquivo os recibos; o monte
de sucata no meu
quintal cresce dia-a-dia.

3.

Pátios em Delft

-Pieter de Hooch, 1659

(para Gordon Woods)

Luz oblíqua sobre o banal, tijolo e telha -
Alvenaria impecável, e em toda a parte
A torneira, a vassoura e o balde de madeira
Mantendo-a assim. Ciosas do lar, as mulheres
De artesãos prosseguem, frugais, as suas vidas
Entre pátios esfregados, modestos mas limpos.
Há pouca folhagem, e não cai. Não há brisa
Que desalinhe o aprumo daquelas árvores.

Nem música de espineta emblematiza
Harmonias e desarmonias do amor;
Nem peixe lascivo, fruto, ou pássaro alerta
Quase a fugir da gaiola enquanto uma virgem
Escuta o seu sedutor, vem macular a casta
Precisão da cena e da cena já feita.
Nada é ao acaso, nada se esbanjará:
Falta-nos o cão imundo, o fogo do *gin*.

A rapariga de costas para nós, à espera
Que o seu homem regresse a casa para o chá,
Há-de esperar até que a tinta se desintegre
E os diques abram, em ruína, ao mar voraz
Mas também isto é vida, e a porta quebrada
Da arrecadação um facto verificável,
Tão vívido e mnemónico como o sol
Que ilumina as grades das casas em frente.

Morei ali em menino e sei do carvão
Brilhando no telheiro e, ao fim do dia,
Da cintilação sobre a mesa de pinho,
Do tecto contido numa colher radiante.
Devo estar lá, sossegado, num quarto,
Criança estranha com gosto pela poesia,
Enquanto os meus rudes parceiros sonham com guerra
No *veldt* ressequido ou na chuva da charneca;

Pois a luz pálida da pequena cidade
Há-de espalhar-se, como tinta ou óleo,
Sobre o desenho ainda pouco rigoroso
No linho do *mappa mundi* na parede
E punir a natureza em nome de Deus.
Se em seu direito as Ménades, ao menos,
Investissem, partindo louça, a ferro e fogo,
Dormiríamos à noite em mais sossego.

4.

O Sótão

(para John e Evelyn Montague)

À noite, sob a clarabóia,
A fluorescência de um estaleiro,
Luz de uma musa na cidade,
Mundo de sensação intensa.

A trabalhar no vosso sótão,
Cá em cima, sob o telhado... -
Escutem: conseguem ouvir-me
A virar uma nova página?

Em silêncio, com os estalidos da lâmpada,
Contemplo os espaços vazios,
Reflectindo a compostura
De superfícies pacientes...

E eu assim, que nada sei,
Escrevinho e acalento a esperança,
Vou turvando a página em branco,
Cultivando a minha ignorância.

5.

Tractatus

(para Aidan e Alannah)

“O mundo é tudo o que é o caso” -
Do insecto que morre na carvoeira
À Vitória Alada de Samotrácia.
Culpe-se, ou louve-se, o Deus desajeitado

Que esconde, por vergonha, o rosto idoso;
Cuja luz se oculta atrás de um véu nebuloso.

O mundo, porém, é ainda muito mais -
É tudo o que é o caso na imaginação.
Tácito achava que os marinheiros *ouviam*
O sol a afundar-se no oceano;
E quem poria em causa o rugido titânico,
O vapor erguendo-se onde a orla ficasse?

6.

Kinsale

Chuva assim para nós era coisa do passado -
penetrante, escura, dir-se-ia intencional,
correndo por pináculo e charneca; mas hoje
a lousa azul-celeste do telhado fumega ao sol,
os iates tilintam e dançam na baía
como cavalos de corrida. Contemplamos por fim
janelas luzentes, um futuro que a ninguém se proíbe.

7.

Nadando em County Wicklow

*A única realidade é o perpétuo fluir
de energia vital*

- Eugenio Montale

Salpicos, paciência crustácea
e uma lufada de maresia:
regressas uma vez mais
a esta costa deslumbrante,
ao seu cálido banho uterino,
ao vaivém que dispara o coração.

Breve arrepio ao deslizar
para a maré efervescente:
constelação, palmária e *kelp*,
algas finas, saliva, espuma,
lacerante e íntimo impacto -
compactados no caldo borbulhante.

Lábio de água, mão suave,
força e tensão de origens,
contorção e sopro sensual
de fronde e cabelos-de-vénus,
nadas aqui uma vez mais,
lesto como um gene mutante.

Espíritos de lago, rio
charco silvestre reinam
serenamente em águas jamais
perturbadas por vento ou maré;
e a calma piscina de um subúrbio
é só para os timoratos -

não há energias de onda ou vento
onde a silva marinha não fere
e a vaga imprevista não arremete
com a violência dos tempos,
espumando pela boca,
para te afogar nas profundezas.

Por entre seixos, um búzio branco
gasto de rebentação e refluxo,
câmara arenosa, velha
de séculos, enregela
em solidão e reclina-se
onde o íman lunar cintila;

mas hoje giras e revolves
na água do mar como se,
criatura de sal e lodo,
nua debaixo do sol,
a vida fosse um sonho diurno
e esta a única vida.